

b) Memória:

Projeto apresentado ao PPGCI, em 1994

CONSCIÊNCIA POSSÍVEL E INFORMAÇÃO
AS FORMAS DE COMUNICAÇÃO DA CIÊNCIA

Um projeto de estudo na área da
CIÊNCIA DA INFORMAÇÃO

Elaborado para atender a critério de seleção dos
candidatos ao Programa de Pós-Graduação - Doutorado
Convênio CNPq/IBICT — UFRJ/ECO

Linha de Pesquisa: *Informação, Cultura e Sociedade*

por

Isa Maria Freire

Orientadora

Vânia Maria Rodrigues Hermes de Araújo

Doutora em Comunicação (UFRJ/ECO)

Rio de Janeiro, outubro de 1994

SUMÁRIO

1. Um conceito como método
OU
Da fundamentação teórica

2. Um exercício do método
OU
Da metodologia

Post scriptum

Bibliografia^(*)

(*) Está incluída nas Referências deste documento.

“Pastores que habitais os campos ... sabemos relatar ficções muito semelhantes à realidade, mas, quando o queremos, sabemos também proclamar verdades.”
Hesíodo, Teogonia (apud **Brandão**)

“Alguns textos antigos apresentam-se aos nossos olhos contemporâneos com um frescor e uma força imediatamente reconhecíveis. Sem dúvida, pela sua qualidade, escaparam de cair no abismo das idéias mortas e das emoções passageiras. Eles nos falam muito de perto. Amanhã, quando nós formos os objetos dos estudos históricos, esses textos ainda acompanharão nossos descendentes.” **Jean-Claude Carrière**, Conversas sobre o invisível

“Os mitos são formas antiguíssimas da ciência.”
C.G. Jung, Memórias, sonhos, reflexões



UM CONCEITO COMO MÉTODO OU DA FUNDAMENTAÇÃO TEÓRICA

No Colóquio Filosófico Internacional de Royaumont que discutiu "O Conceito de Informação na Ciência Contemporânea", Lucien Goldmann aborda aquela que é, em sua opinião, a descoberta "mais fecunda" de Marx e um dos principais conceitos operatórios para o estudo da sociedade: o conceito de consciência possível, ou "consciência que se pode calcular". E, ao reconhecer que tem focalizado a consciência possível na perspectiva psicológica e sociológica, coloca que se trata, também, de conceito fundamental para estudo das possibilidades de comunicação na vida social.

Sem propriamente definir "consciência possível", Goldmann traduz seu uso como conceito operatório com exemplos da análise e ação marxistas: é a esse conceito que se refere Marx, n'*A Sagrada Família*, ao explicar que não se trata de saber o que pensa um proletário individualmente, ou mesmo todos os proletários juntos, e sim qual a consciência de classe do proletariado; e foi a ele que Lênin recorreu, no célebre caso da distribuição de terra aos camponeses russos, quando sustentou que a consciência dos camponeses não poderia assimilar a informação sobre trabalho cooperativo, mas seria sensível à palavra de ordem de "terra aos camponeses!".

Na perspectiva da consciência possível, o problema não é saber o que pensa um grupo (um receptor de mensagens) e sim quais são as mudanças suscetíveis de serem produzidas em sua consciência, sem que haja modificação na natureza essencial do grupo. Assim, o importante é saber quais são, em um determinado estado e situação (contexto histórico e relacional do grupo), as informações que podemos transmitir, quais as que serão recebidas mas com deformações mais ou menos importantes, e quais as que não serão recebidas — estas últimas estariam além do limite de campo da consciência possível do grupo receptor de mensagens.

Goldmann descreve o modus operandi desse conceito:

"trata-se do fato de que, em uma conversação, ou em uma transmissão de informações, não existe apenas um homem ou aparelho emissor das informações e um mecanismo transmissor, mas, em alguma parte, existe também um ser humano que as recebe. Mesmo quando o caminho é longo e passa por desvios de uma cadeia de aparelhos e máquinas, no final há sempre um ser humano, e sabemos que sua consciência não pode 'deixar passar' qualquer coisa de qualquer

modo" (1970). Há, portanto, uma consciência receptora que não é permeável a toda uma série de informações, e é por isso que, muitas vezes, quando se compara o teor da mensagem que foi emitida com aquele decodificado pelo receptor, constata-se que só uma parte da mensagem foi recebida e que mesmo esta parte assumiu uma significação diferente da que havia sido enviada.

Nesse ponto de sua argumentação, Goldmann introduz o conceito de forma proposto por Lukács:

"se todo sentimento, todo pensamento e, no limite, todo comportamento humano é Expressão, é preciso distinguir, no interior do conjunto de expressões, o grupo particular e privilegiado das Formas que constituem expressões coerentes e adequadas dum visão do mundo no plano do comportamento, do conceito ou da imaginação" (grifos do autor).

Para ele, as visões do mundo são fatos sociais que têm as classes sociais como infra-estrutura, e sua expressão *coerente e adequada* na sociedade constitui um fenômeno ao mesmo tempo social e individual — seu conteúdo é determinado pelo *máximo de consciência possível* da classe social que produz essa expressão, e sua forma é determinada pelo conteúdo para o qual o autor (que pertence a essa classe social) encontra uma expressão adequada, dentre as formas disponíveis no sistema de comunicação da cultura.

Por um lado, a coerência interna desses processos de expressão nos revela uma estrutura psíquica produzida, ao longo do tempo, pelas vivências em comum dos indivíduos de uma mesma classe social, organizadas como uma visão do mundo que se orienta para estados de equilíbrio provisório; por outro, devido à dinâmica própria das classes sociais, a classe dominante se destacará por sua visão do mundo orientada para uma organização global das relações mútuas entre os homens e das relações entre estes e a natureza. Essa visão do mundo se estenderá por todos os níveis da cultura, criando formas de expressão e meios de comunicação através dos quais essa classe faz circular suas mensagens, dotadas de significado e de valor social, na sociedade. Em decorrência desses processos sociais, o *máximo de consciência possível* da classe dominante numa sociedade representará o limite para as formas de expressão do conhecimento produzido nessa sociedade, traduzindo-se em informação que será socializada através dos meios de comunicação e com as categorias de linguagem disponíveis.

Goldmann descreve quatro tipos de problemas que podem ocorrer no processo de comunicação de informações, e que devem ser consideradas na análise do *máximo de consciência possível* da classe social, em especial aquela cuja *expressão*, através de *formas coerentes e adequadas*, se organiza para uma visão do mundo global na sociedade, ou seja, a classe dominante.

Primeiro, acontece frequentemente que uma informação não é recebida por que faltam, ao receptor, informações anteriores que o tornem apto a decodificar a mensagem

e apreender o sentido, ou significado, que lhe atribuiu o emissor. Outro caso, é aquele relacionado à estrutura psíquica do indivíduo e a sua biografia, que podem impedir a recepção e compreensão da informação contida na mensagem; tanto neste quanto no caso anterior, podem ocorrer transformações individuais que permitam o entendimento da mensagem enviada pelo emissor. Um terceiro problema se refere àquele em que um grupo social, em virtude de sua consciência *real*, resultante de seu passado e de múltiplos acontecimentos que sobre ela agiram, resiste à passagem de certas informações. Goldmann imagina, como exemplo, o caso de pesquisadores presos a uma determinada tese e que se recusam a tomar conhecimento de teorias que questionem seu trabalho. Mas, ainda aqui as dificuldades podem ser superadas por transformações individuais que permitam aos pesquisadores re-conhecerem as novas teorias, pois essas transformações na consciência real não colocam em questão a existência do próprio grupo social.

É no quarto nível que surge o problema do que Marx (*apud* Goldmann) denominava propriamente como "os limites da consciência possível". É o caso em que, para recepção e compreensão da mensagem, o grupo como grupo teria que desaparecer ou transformar-se a ponto de perder suas características essenciais. Aqui, a *informação* expressa a força de sua natureza inovadora, como ressalta Araújo (1989).

E é nessa área que trabalha o pesquisador que estuda as formas e possibilidades da comunicação humana, aqui entendidas como mensagens que circulam na sociedade e contêm informações que traduzem um conhecimento dos indivíduos e de suas mútuas relações, do meio ambiente e do universo, e representam uma visão do mundo coerente e adequada à capacidade de expressão própria de um grupo ou classe social. Para esse pesquisador, as variáveis a considerar seriam aquelas relacionadas às categorias fundamentais que estruturam a consciência do grupo — os aspectos específicos dos conceitos de espaço e de tempo, de bem e mal, de história, de causalidade e outros — e até que ponto essas categorias estão ligadas à sua existência, quais os limites do campo de consciência por elas formado e, enfim, quais as informações situadas além desses limites e que não podem ser recebidas sem transformação social fundamental.

Para Goldmann, enquanto *formas de expressão numa dada visão do mundo* as obras filosóficas, literárias, artísticas, e eu acrescento as científicas, têm um valor especial para as ciências que estudam as relações e a comunicação humanas, porque aí se aproximam do *máximo de consciência possível* daqueles grupos ou classes sociais privilegiados cuja mentalidade, pensamento e comportamento são orientados no sentido de uma visão global do mundo. Nessa perspectiva, o nível de aproximação da realidade tem como premissa que todo fato humano é um fato total e sua *explicação* deve considerar a totalidade dos processos sociais. Assim, se o pesquisador estuda uma obra artística, literária ou científica como estrutura significativa interna, estará tentando compreender a própria obra; se tentar abordá-la como estrutura parcial em uma estrutura maior, estará *compreendendo* o movimento artístico ou científico da sociedade no qual a obra estudada se insere, ampliando sua compreensão sobre a própria obra; mas, se inserir esse movimento, no qual se inclui a obra estudada, na estrutura global da classe social à qual pertence o autor, ele finalmente *compreenderá* a história dessa

classe e poderá *explicar* a gênese do movimento e o conjunto de processos sociais que a obra expressa através de sua forma característica, aproximando-se do *máximo de consciência possível* e das possibilidades de comunicação e transferência de informações na sociedade.

No processo histórico da emergência, desenvolvimento e decadência de civilizações, e enquanto formas de expressão que se aproximam do máximo de consciência possível numa dada sociedade, a produção intelectual de sua classe dominante representa seu tesouro de conhecimento ou recursos informacionais. Na Antiguidade, essas formas de expressão se organizaram em sistemas de pensamento que encontraram e registraram respostas coerentes e adequadas para algumas das questões que ainda hoje movem nossa legítima curiosidade científica: de onde viemos, quem e como somos, por que estamos aqui e para onde vamos? Sua linguagem é alegórica, apresentando-se como uma narrativa de fatos sequenciais relacionados simbolicamente, mas as informações traduzidas na mensagem representam um conhecimento organizado do mundo, conhecimento que originalmente pertencera a deuses e do qual alguns *heróis* míticos teriam se apropriado, transferindo-o aos homens no processo de evolução biocultural da humanidade.

Na atualidade, uma das formas de comunicação de mensagens que representam esse conhecimento se expressa através das categorias do discurso científico, que se traduzem como o *máximo de consciência possível* no processo de transferência da informação na sociedade ocidental e representam a visão do mundo da classe dominante, orientada para uma organização global dessa sociedade.

Nesse campo da atividade intelectual, a sociedade industrial tem investido no desenvolvimento de formas de expressão e meios de comunicação que promovam a transferência e compreensão de informações relevantes para o processo de produção social, com amplo destaque para a tecnologia da informação. A divulgação dos resultados das atividades científicas, por exemplo, criou o fenômeno da "explosão da informação", que representa a expansão e diversidade dos meios de comunicação entre grupos de cientistas e, mais recentemente, com inúmeros outros grupos que compartilham a visão do mundo da classe dominante, como mostra Araújo (1994).

Ao longo desse processo histórico, uma área específica emergiu, no campo da atividade científica,

"não por causa de um fenômeno específico que existia antes e que veio a se tornar seu objeto de estudo — mas por causa da necessidade de abordar um problema que mudara completamente sua relevância para a sociedade. Atualmente, a transmissão de conhecimento para aqueles que dele necessitam é uma responsabilidade social, e essa responsabilidade social parece-nos ser o fundamento em si para a 'ciência da informação'";

como colocam Wersig & Neveling. A área de atuação dessa nova ciência se define a partir da responsabilidade social de facilitar a comunicação de mensagens entre

um emissor e um receptor humanos. Isso implica que seu objeto de estudo pertence ao universo dos fenômenos da comunicação social, em particular a comunicação entre um emissor e um receptor de mensagens com o objetivo de promover mudanças em suas respectivas estruturas de percepção e conhecimento.

Belkin & Robertson propõem o termo *estrutura*, compreendida como uma forma geral de organização, para definir o padrão de expressão dos fenômenos de interesse para a ciência da informação, propondo como seus conceitos básicos

"um texto, (que) é um conjunto de signos organizados por um emissor com a intenção de mudar a estrutura-da-imagem (do conhecimento) de um receptor; (e uma) informação, (a qual) é a estrutura de qualquer texto (que) é capaz de modificar a estrutura-da-imagem (do conhecimento) de um receptor" (os parênteses são meus).

Sem esquecer *"a área de maior interesse para os cientistas da informação no passado e no presente"*, qual seja, a dos *canais ou meios de comunicação*, os autores propõem como fenômeno de interesse para a ciência da informação

"o texto e sua estrutura (organização), e as atividades e mecanismos que alteram (mutuamente) as estruturas-da-imagem (do conhecimento) entre emissor e do receptor" (parênteses meus).

Entretanto, como lembra Saracevic, os problemas do estudo da *informação*, no âmbito dos fenômenos da comunicação humana, não podem ser resolvidos dentro de uma única área da atividade científica. Torna-se necessário, do ponto de vista do *fenômeno da informação*, o desenvolvimento de abordagens teóricas e metodológicas que favoreçam a inter-disciplinaridade, ou seja, que permitam o relacionamento da ciência da informação com outras áreas do estudo científico. Isso porque o papel do conhecimento está em mudança na sociedade atual e, tendo adquirido extrema relevância para a produção, os processos de transferência das *formas coerentes e adequadas de expressão* que organizam e socializam a *informação* têm, também, adquirido importância e valor social.

Nessa perspectiva, Wersig (1993) propõe que se adote para a ciência da informação uma estratégia metodológica que envolva a interação com conceitos e modelos de outras áreas científicas, de modo a construir um quadro referencial teórico que possa trabalhar com as *formas de expressão do conhecimento* enquanto estruturas que transformam e são transformadas no processo de produção e comunicação social.

UM EXERCÍCIO DO MÉTODO OU DA METODOLOGIA

Giorgio di Santillana propõe que imaginemos um pensamento anterior à escrita:

"É simplesmente um pensamento bastante forte e coerente, sedimentado na memória, e que deve, de uma forma ou de outra, perpetuar-se, organizar-se, sem auxílio do sinal escrito. Por conseguinte, torna-se um pensamento mítico, no sentido clássico do termo, a própria expressão do pensamento exato, pois em um mundo sem escrita só há um modo de encadear as idéias: contando uma história. E esta história pode ser tão complexa e absurda quanto queiram, mas tem por fim exatamente o encadeamento de idéias que mantêm com ela uma relação puramente simbólica."

Assim considerado, é um tipo de pensamento organizado com a finalidade de comunicar um conhecimento e, nesse sentido, deve conter uma informação, uma mensagem cujo significado é mediatizado por uma determinada forma de expressão social — na narrativa mítica, parecem ocultar-se informações que descrevem e explicam fenômenos físicos, biológicos e humanos, observados, descritos e registrados com a diversidade de formas da memória cultural da espécie.

É essa informação que o pesquisador da história busca no passado e Santillana instiga nossa curiosidade quando exclama: *"por menos que esse passado hoje nos atinja, que série de metamorfoses surpreendentes se podem descobrir em sua interpretação!"* Sua idéia é que a inteligência do homem não sofreu uma variação muito grande nos últimos dez mil anos, e que em cada época houve um certo número de inteligência elevadas que tentaram construir o cosmos ou o mundo a sua maneira:

"Houve, sem dúvida, espíritos semelhantes a Newton, a Kepler ou a Arquimedes no ano 4.000 a.C. Que podiam eles fazer ?Não dispunham ainda de instrumentos para construir um sistema matemático, mas tinham os instrumentos para construir um sistema intelectual e este sistema eles tinham que expressar da forma que lhes era possível".

Santillana nos diz, também, que para compreender as visões do mundo do passado e as informações contidas em suas formas de expressão, devemos ter sempre em mente que a inteligência dos homens na pré-história

"estava assentada de maneira inteiramente diversa da nossa, os objetos que viam eram diferentes, a maneira de relacionar estes objetos era diferente e a estrutura intelectual que daí resultava não podia, evidentemente, ser a mesma."

Mas, certamente, tanto quanto em nossa sociedade pós-moderna, essa estrutura intelectual foi capaz de criar formas de expressão para transferir as informações produzidas no processo de descoberta e conhecimento de si mesmo, da natureza e do universo. Nas palavras de Santillana, trata-se de

"um fenômeno de transmissão de alta cultura. E, antes dele, um fenômeno de criação de pensamento através de certos momentos privilegiados da História que se perpetuam de maneira obscura, complexa, mas morfologicamente reconhecível" (grifo meu).

Até que se desenvolvesse a escrita, essas inteligências produziram e fizeram circular na sociedade do seu tempo inúmeras narrativas, estruturadas a partir da visão do mundo dos grupos que dominavam os processos de produção social, contendo informações relativas ao conhecimento adquirido em milhares de anos de relações dos homens entre si e com o seu meio ambiente. A essas narrativas, oriundas da capacidade de *fabular* característica da espécie humana, é que os estudiosos denominam mitos e, mais especificamente, mitos de origem.

Na sociedade ocidental, foram as inteligências das comunidades no litoral e ilhas do Mar Egeu e do Mar Mediterrâneo, representadas historicamente pela cultura grega, que nos legaram os sistemas de pensamento e as tecnologias de conhecimento que são a base da cultura, produzindo formas de expressão a partir de uma visão do mundo orientada para uma explicação global do universo. Essa visão foi simbolizada através de um sistema de pensamento que se expressou em diversos níveis (religioso, filosófico, matemático, artístico e tecnológico, entre outros), e é representada principalmente por uma estrutura mitológica. No contexto da produção social e ideológica da sociedade grega, os deuses do Olimpo justificam e explicam a origem do cosmo, da natureza, do homem e dos padrões culturais, mediante símbolos que informam sobre sua potência energética. E as narrativas dos desafios entre deuses, de suas lutas, conquistas, vitórias ou derrotas, e de suas relações com os humanos, re-criam no imaginário social os fenômenos que ocorrem nos indivíduos e em suas relações com o meio ambiente natural e social.

Podemos nos perguntar, como Paul Veyne, *"Acreditaram os gregos nos seus mitos ?"* São suas próprias palavras que lançam luz sobre a questão:

"O mito não é um modo de pensamento específico; não é mais do que o conhecimento por informação, aplicado a domínios de saber que, para nós,

relevam da controvérsia, da experimentação, etc. Existia, na Grécia um domínio, o do sobrenatural, em que todo saber devia procurar-se junto de pessoas que estavam informadas (grifo meu); esse domínio era composto por acontecimentos e não por verdades abstratas às quais o ouvinte pudesse opor sua própria razão. Este estado de coisas poderia ter durado mais de mil anos; não se modificou pelos gregos terem descoberto a razão ou inventado a democracia, mas por o campo do saber ter visto seu quadro alterado pela formação de novos poderes de afirmação (a investigação histórica, a física especulativa) que faziam concorrência ao mito e que, ao contrário do mito, punham expressamente a alternativa do verdadeiro e do falso."

Veyne se espanta com o fato de que no período desde V a.C. até o século VI d.C., ninguém, inclusive os cristãos, contestou a historicidade de Teseu, Hércules ou Ulisses. Deduz, então, que os mitos têm um fundo de verdade e se a historicidade das guerras de Tróia e de Tebas, que toda a gente grega reconhecia, não é demonstrável, é porque nenhum acontecimento pode ser demonstrado pois pertence à realidade do que passou, da história. É, pois, impossível que um mito seja inteiramente mítico e os gregos foram capazes de criticar pontualmente as fábulas, mas não as menosprezaram, entendendo que o mito é verídico em sentido figurado: não é verdade histórica misturada com mentiras, é um alto ensinamento filosófico inteiramente verdadeiro, desde que, em vez de o tomarmos pelo seu sentido literal, encontremos nele uma alegoria. E uma vez que recuperemos o significado original da expressão simbólica contida na forma, poderemos vir a compreender a informação do passado através da visão do mundo das inteligências do presente, usando as categorias de pensamento e de linguagem que as transformações nas visões do mundo nos ajudaram a construir e registrar.

A narrativa mítica, enquanto forma que transfere informação parece pertencer à mesma categoria do fenômeno chamado por Santillana de "transmissão de alta cultura", que poderia ser compreendido — talvez até *explicado* — como a expressão formal da visão do mundo das inúmeras civilizações ao longo da evolução da humanidade, traduzindo-se como *máximo de consciência possível* para uma sociedade em um dado momento histórico: um *texto* e sua *estrutura*, mediatizando a comunicação entre um emissor e um receptor de mensagens através de *formas coerentes e adequadas*.

Um mito narra, como esclarece Eliade, o aparecimento de um fenômeno natural ou humano ocorrido em um tempo primordial, descreve o momento original dessa criação e a participação que nele tiveram os entes sobrenaturais aos quais esses fenômenos estão ligados. Sua forma é estruturada de modo que os símbolos se relacionem para expressar um sentido que transcende às categorias históricas da linguagem, criadas no processo de produção social das populações onde a narrativa mítica circula. O mito é um *texto*, no sentido que lhe dão Belkin & Robertson, produzido e comunicado numa sociedade que não domina a escrita — sua estrutura formal está orientada para "organizar" uma *informação*, que será socializada através das categorias de linguagem e dos meios de comunicação disponíveis. Há, pois, um conhecimento e uma forma de comunicá-lo nos sistemas de pensamento das sociedades arcaicas, como demonstrou Lévi-Strauss. Na história recente da civilização ocidental, esse conhecimento e sua comunicação vêm historicamente adotando as formas objetivas do racionalismo científico,

aproximando as *explicações* míticas do ato original às *experiências* racionais conduzidas na realidade atual.

A racionalidade, porém, tem origem na mesma fonte criadora representada pela capacidade imaginativa dos humanos, e embora se expresse atualmente através de complexos sistemas computacionais, guarda, dissimulados, os princípios metafísicos dominantes na linguagem mítica. Nas palavras do astrofísico Jean Audouze:

"ainda hoje, a teoria do Big Bang permanece, em parte, subjetiva. É bem fácil ver por que certos astrofísicos — secretamente assombrados pelo mito da criação divina — aderiram a essa teoria que não exclui o dedo de Deus. Esses espíritos têm necessidade de um começo".

A astrofísica nos conta uma história da origem do universo cujas evidências remetem a entidades invisíveis aos nossos sentidos físicos, mas cujo sentido pode ser expresso através de uma representação formal — um enunciado de palavras, um gráfico ou uma fórmula (p.ex., como em $E=mc^2$). O mito descreve um evento ocorrido em um tempo original, do qual participaram entes sobrenaturais, cujo sentido é expresso através de símbolos organizados em estruturas de narrativa oral e ritualística (p.ex., na cura xamânica). As duas formas de expressão do conhecimento podem se referir a fenômenos distantes no tempo (da antiguidade à pós-modernidade) e no espaço (das aldeias jônicas à aldeia global), mas quanto mais nos aproximarmos da "origem" mais os discursos apresentarão similaridades morfológicas na estrutura de sua *explicação*. A especificidade de cada um dos discursos, reflete o *máximo de consciência possível* da visão do mundo da classe dominante na sociedade, em um dado momento histórico, bem como sua capacidade de expressar e comunicar, através de *formas coerentes e adequadas* o conhecimento disponível.

Pode-se fazer um exercício da intercomunicabilidade dos discursos mítico e científico usando o discurso da astrofísica, considerando-se a ligação entre o sistema de pensamento grego e o pensamento da sociedade contemporânea. Isso é possível porque os mitos gregos foram "esvaziados" de sua expressão ritualística ao serem "organizados" por Hesíodo no século VIII antes de Cristo. Como um profissional da informação, atuando naqueles tempos que marcaram a transição da comunicação oral para a escrita e usando a forma de linguagem mais sofisticada de sua época, o poeta descreve os fundamentos da origem do universo, assim resumidos:

"no princípio era o Caos, matéria eterna, informe, rudimentar, mas dotada de energia prolífica; depois veio Géia (Terra), Tártaro (habitação profunda) e Eros (Amor), a força do desejo. O Caos deu origem a Érebo (escuridão profunda) e a Nix (Noite). Nix gerou Éter e Hemera (Dia). De Géia nasceram Urano (Céu), Montes e Pontos (Mar)".

Brandão observa que a cosmogonia de Hesíodo se desenvolve ciclicamente de baixo para cima, das trevas para a luz, e o poeta prolonga, completa e ordena os deuses descritos por Homero. Ao documentarem as narrativas milenares das inúmeras

populações que concorreram para a formação do povo grego, os dois poetas re-criaram, com sua *poiesis*, o tempo e o espaço enquanto dimensões que transcendem o cotidiano. No sistema de pensamento grego, ambos representam o *máximo de consciência possível* para as *formas de expressão* do conhecimento naquela sociedade, sendo provável que essas mensagens tivessem circulação restrita à classe social dominante na sociedade.

A linguagem contemporânea, contudo, também não consegue traduzir para outros grupos sociais que não detenham um mínimo de conhecimento apropriado os princípios da criação do cosmos, como mostra esse texto de Audouze resumindo, na perspectiva da teoria do Big Bang, os acontecimentos ocorridos nas frações do primeiro segundo da formação do universo:

"Durante esse primeiro "segundo", a força unificada separou-se em três tempos: a força da gravidade foi a primeira a se desprender. Depois disso, a força nuclear forte separou-se das duas outras, ainda unidas. Essa separação foi acompanhada de uma primeira mudança de fase que conduziu à aceleração da expansão do universo e à criação dos blocos fundamentais, os quarks. Enfim, no instante 10^{-19} de segundo foi a vez da força nuclear fraca e a força eletromagnética se separarem, e, pouco depois, os quarks fundiram-se de três em três para formar prótons e nêutrons. Estes últimos, então, entregaram-se a uma alegre sarabanda com os elétrons, os pósitros e os neutrinos. Ao final do primeiro milhão de anos, a luz se filtra e surge afinal. É o fiat lux das escrituras".

Em um e outro *texto*, as formas de expressão representadas pela *poiesis* grega e pelo *constructo* científico traduzem uma *informação* que, mais do que revelar o conhecimento, instiga ao processo de conhecimento, abrindo, para os nossos tempos tecnológicos, as portas do mistério. Para abordar as questões decorrentes da existência da *consciência possível*, ou *que se pode calcular*, podemos adotar a premissa de Wersig (1993) de que o comportamento racional, em todos os sentidos de "racional", necessita de conhecimento e que *informação* se define como *conhecimento para ação*.

O objeto de estudo da ciência da informação poderia, então, ser constituído pelas *formas de expressão* e *meios de comunicação* desse conhecimento no processo de produção social. Nessa perspectiva, a abordagem proposta por Goldmann poderá ajudar cientistas da informação a formular e equacionar algumas das questões atuais sobre a produção, apropriação e socialização do conhecimento, considerando-se a dinâmica dos processos sociais e a visão do mundo das classes sociais.



Post Scriptum

Relendo o projeto, observei quão pouco se assemelha a um "projeto" parecendo-se muito mais com um *texto*, como uma *informação* organizada no sentido de transformar outras *estruturas informacionais* no processo de comunicação humana.

Organizar o conhecimento produzido pelas classes sociais e transferir essa *informação* de modo a contribuir para as transformações que a dinâmica social requer, parece ser a atividade principal do cientista da informação na sociedade contemporânea, definida como "intensiva de conhecimento". Nesse contexto, rico em interações e complexidades, vale lembrar Goldmann quando diz que, mesmo mediatizada pela parafernália das tecnologias da informação, a comunicação de mensagens supõe um emissor e um receptor humanos e "*sabemos que sua consciência não pode deixar 'passar' qualquer coisa de qualquer modo*".

A permeabilidade da consciência à passagem ou não de informações pode ser explicada pelo conceito de *consciência possível*, ou *consciência que se pode calcular*, que Goldmann supõe interessar muito de perto às ciências que estudam os fenômenos da comunicação humana.

No processo de comunicação, a *informação* contida em um *texto organizado* para transformar as estruturas informacionais de um receptor inter-age com essas estruturas no sentido fazê-lo compreender, de *forma coerente e adequada*, a mensagem que lhe está sendo enviada. Recebendo a mensagem e apreendendo o *máximo possível* do seu sentido original, o receptor re-age a essa *informação* transformando sua estrutura de conhecimento e organizando sua própria *informação* com o objetivo de promover mudanças nas estruturas informacionais do antigo emissor/novo receptor, re-alimentando o processo de comunicação. E, na perspectiva da transferência da *informação* enquanto processo de comunicação humana, assim como ocorre nos indivíduos ocorre também com as sociedades, sejam elas neolíticas ou pós-modernas.

Os grupos que exercem atividades intelectuais na sociedade, sejam xamãs, artistas ou cientistas, necessitam de informação para desenvolver sua participação nas atividades de criação da riqueza social. Esses, e cada vez mais outros grupos da sociedade contemporânea, desejam ter acesso ao conhecimento que possa tornar suas atividades produtivas mais eficientes e transformar as visões do mundo tradicionais.

Nessa perspectiva, pode-se adotar como objeto de estudo as *formas coerentes e adequadas de expressão do conhecimento para ação na sociedade*, o qual foi definido por Wersig (1993) como *informação*. Identificar essas *formas* e os *limites de sua expressão*, representados pelo *máximo de consciência possível da classe social*

dominante numa sociedade em um dado momento histórico justificam, no meu entendimento, a abordagem teórico-metodológica proposta no presente projeto.

Considerando a necessidade de tornar minhas idéias mais *visíveis*, apresento o seguinte resumo:

Hipótese

O estudo das formas coerentes e adequadas de transferência do conhecimento para ação no processo de produção de uma sociedade, em um dado momento histórico, pode identificar os limites de campo da *consciência possível* para expressão desse conhecimento e, também, as *estratégias possíveis* para superação dos seus limites.

Metodologia

O estudo será conduzido através da premissa de que o fato humano é um fato total, como propõe Goldmann (1979), e sua *explicação teórica* pressupõe a descrição e compreensão dos processos sociais, em uma dada sociedade e momento histórico, e das visões do mundo produzidas através desses processos.

Na ciência da informação, a perspectiva é a de que compartilhamos nosso objeto de estudo com outras áreas da atividade científica, donde a sugestão de Wersig (1993) para uma abordagem que adote como quadro referencial teórico-metodológico a redefinição e a inter-relação de conceitos e modelos científicos. O *atrator* que organizará esses conceitos, no interesse do campo de atuação da ciência da informação, é a própria *informação*, enquanto fenômeno da comunicação humana que representa uma forma coerente e adequada de expressão do conhecimento cujo sentido somente será decifrado por um receptor se este transformar suas próprias estruturas de percepção e conhecimento do mundo.

As variáveis a serem, inicialmente, consideradas nesse estudo são:

- as *formas coerentes e adequadas de expressão do conhecimento para ação*, definidas como *informação* e tendo por objetivo *atender às necessidades da produção social*;
- a *transferência do conhecimento para ação*, definida como o processo de comunicação da *informação* entre um emissor e um receptor humanos pertencentes à mesma ou a diferentes classes sociais;
- o *processo de produção social*, definido como o conjunto das atividades humanas organizadas para a produção econômica e ideológica numa sociedade;

- o *máximo de consciência possível*, definido como o limite para expressão das formas coerentes e adequadas de comunicação do conhecimento produzido pela classe social dominante na sociedade, em um dado momento histórico;
- as *estratégias possíveis*, definidas como modelos através dos quais se podem representar as relações entre as variáveis identificadas no campo de consciência possível das classes sociais.